BNT OFERECE NOVAS PERSPECTIVAS PARA O CONTROLE DO CÂNCER

Referência Nacional

O Brasil já dispõe de uma ferramenta que promete revolucionar as pesquisas de câncer: o Banco Nacional de Tumores e DNA (BNT). Criado há dois anos no INCA, o Banco conta com mais de mil amostras de tecidos e um perfil detalhado de cada caso, o que beneficiará o desenvolvimento de novas tecnologias, drogas e estratégias para o controle da doença, mais próximos e adequados à realidade brasileira. Até então, a maioria das pesquisas era realizada com base em experiência e dados de pacientes de outros países, que possuem características genéticas muito diferentes das nossas.

As amostras, que podem ser fragmentos do tumor, de células, fluidos ou sangue, são catalogadas sem o nome do doador, que permanece anônimo. Elas permitem aos pesquisadores identificar uma série de informações, como: características do tumor, dados clínicos do paciente, tipo de tratamento recebido, exposição a fatores de risco, histórico familiar, além do tempo de sobrevida após a coleta. Todas as informações, incluindo o perfil epidemiológico dos doadores, ficam disponíveis num banco de dados virtual acessível a qualquer pesquisador. Basta cadastrar o projeto no site www.inca.gov.br/bnt.

A vantagem do novo recurso é permitir identificar, por exemplo, se determinado tipo de tumor é sensível a um remédio ou resistente a outro. Desse modo, o médico saberá se o paciente vai responder ou não a um tratamento antes de começá-lo efetivamente. O sistema ainda facilitará o diagnóstico precoce a partir da comparação de caraterísticas genéticas e o histórico das amostras disponibilizadas no acervo, que reunirá todos os tipos de tumor mais incidentes na população brasileira.

Para o diretor médico do BNT, José Cláudio Casali, a nova ferramenta representa um grande passo rumo ao controle do câncer no País. A expectativa é que os primeiros resultados comecem a aparecer em uma ou duas décadas, período médio para avaliação das ações na área da Oncologia.

Internamente, o BNT já tem pesquisas em andamento, com alguns tipos de tumor. Um bom exemplo é o estudo da resistência e da sensibilidade de tumores de laringe a medicações específicas. Há ainda pesquisas sobre câncer de ovário, de colo de útero, de pulmão e de rins. Logo para o primeiro semestre deste ano, estão previstas pesquisas de outras instituições.

Futuramente, o BNT contará com núcleos colaboradores em outros estados, que serão responsáveis por armazenar o próprio material coletado. Atualmente, quatro instituições participam da rede: Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, Faculdade de Medicina

Material 100% nacional permitirá diagnósticos mais precisos

Duda Vian

“A riqueza das informações facilitará não só o diagnóstico e a escolha do tratamento, mas também a prevenção, permitindo associar as características genéticas e o histórico familiar aos fatores de risco”

JOSÉ CLÁUDIO CASALI, diretor médico do BNT

MS

Precisão e sigilo nas amostras: toda informação vira código de barra

de São José do Rio Preto, Universidade Federal do Pará e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ainda neste primeiro semestre, o projeto da rede latino-americana e do Caribe do BNT, uma proposta apresentada durante o II Congresso Internacional de Controle de Câncer (ICCC-Rio), sairá do papel. O Instituto Nacional de Cancerologia em Bogotá, na Colômbia, começará a realizar coletas de amostras já em parceria com o BNT. A rede beneficiará as pesquisas com a população latino-americana.

Todas as instituições são interligadas pela internet, e o INCA encarrega-se do gerenciamento da rede, do suporte aos centros e do treinamento de pessoal. Segundo a professora adjunta da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerpe) Eloiza Helena Tajara, a capacitação é fundamental para garantir a qualidade e o padrão das amostras, incluindo os dados clínicos.

COMO FUNCIONA

O Banco facilita o trabalho dos pesquisadores. Antes da sua criação, o médico-pesquisador assumia todas as etapas preparatórias para pesquisa, desde a seleção de pacientes com as características desejadas até o armazenamento da amostra em condições adequadas. Hoje, o BNT faz tudo isso por ele. A cirurgiã oncológica e pesquisadora, Solange Bizzo, acrescenta que esse tipo de pesquisa exige uma infra-estrutura que custa uma fortuna. “Com o BNT, o pesquisador só precisa apresentar o projeto. Não precisa comprar tanque de nitrogênio, freezer, gelo seco e contratar pessoal para cuidar. todas as amostras são estocadas e catalogadas”. Os profissionais treinados para integrar o projeto encarregam-se de todos os cuidados da coleta e do armazenamento adequados, e registro dos dados eletronicamente. E ainda explicam ao paciente a importância da doação. “Em geral, os pacientes querem participar, afinal poderão ajudar outras pessoas que têm a mesma doença”, completa o diretor médico do BNT, José Claudio Casali. Logo que o tumor é extraído, parte do fragmento é imediatamente armazenado em nitrogênio líquido, a uma temperatura de até 180 graus negativos. Outra parte é analisada na hora, para registro de todas as características. Os dados são então colocados na rede virtual, incluindo os dados do questionário epidemiológico que é preenchido pelo paciente. Os bancos de tumores começaram a surgir na década de 1980, na Europa e nos EUA. No Brasil, a primeira iniciativa similar é do Hospital do Câncer de São Paulo, que, ainda em 1999, começou a armazenar amostras de tumores, com todos os dados, para subsidiar pesquisas. Mas o BNT é o primeiro banco público que permite livre acesso a pesquisadores. A notoriedade do projeto já rendeu o prêmio Second Latin American Novartis Oncology Scientific Awards, concedido pela indústria farmacêutica Novartis. ▌